



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Koji Takamatsu**

**(entrevista)**

**São Paulo, SP**

**2005**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Número da entrevista:** E-949

**Nome do/a entrevistado:** Koji Takamatsu

**Tradução:** Sérgio Takamatsu

**Local da entrevista:** São José dos Campos, SP

**Entrevistador:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Data da entrevista:** 20/05/2005

**Transcrição:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Copidesque:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa de termos:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 2 horas.

**Páginas Digitadas:** 45.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

\*\* Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021. Deixamos a participação do tradutor conforme o original do pesquisador.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: TAKAMATSU, Koji. Entrevista com Koji Takamatsu concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). Tradutor: Sérgio Takamatsu. UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 20 mai 2005, 48 p.

## SUMÁRIO

Início da prática do karatê; Imigração para o Brasil; Trabalho como agrônomo; Profissionais de Karatê na década de 1970; Influência de filmes e desenhos estrangeiros; Karatê Koreano; Relações e disputas com outras lutas; Filosofias orientais e as lutas; mudanças do Karatê na cidade de São Paulo; Imigração e características da cultura japonesa.

São Paulo (SP), **20 de maio de 2005**. Entrevista com Koji Takamatsu (**K.T.**) com tradução de Sérgio Takamatsu (**S.T.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

S.T. – Bom, o que o Mestre tava explicando, né, o karatê no Brasil quando iniciou, praticamente ele foi o pioneiro, né, que chegou ao Brasil em 1956, em Fevereiro, porto de Santos, né. E ele veio como imigrante, ele num veio como instrutor de karatê ou professor de karatê. Ele veio como agrônomo formado pela Universidade de Agronomia de Tóquio, né. E a relação das artes marciais e ....., ele já praticava, judô desde criança e logo depois o karatê.

E assim, por que que ele começou o karatê? Porque o karatê é uma arte marcial nova né. Ele é japonês, sim, mas ele nasceu em Okinawa né. E pós guerra, pós Segunda Guerra Mundial, ooo, sob o domínio dos americanos, né, o Japão, ele foi proibido de praticar judô, né. E qualquer outra atividade, tem kendo, que tem espada. Tudo que tinha ..... [trecho inaudível] de luta foi proibido. E o karatê, como era novo, né, é, eles treinavam separadamente, os mestres com aluno, dois alunos no máximo, né, e quando perguntado o que era, falavam que era dança folclórica, né. Então por isso que ele começou a fazer karatê. Porque só sobrou o karatê. Não tinha outra coisa pra fazer. O Judô tava proibido.

F.M. – Na realidade, o karatê até existia mas, é, mas os americanos conheciam bem era o judô e o kendo. Aí isso foi proibido...

S.T. – Foi proibido.

F.M. – Aí uma coisa, eles não conheciam e...

S.T. – É é, porque o grande, não vamos chamar de problema né, mas o grande fator né, é que era só difundida, era só em Okinawa. E de forma desordenada. Não era uma coisa unida.

F.M. – Humrum

S.T. – Por isso os estilos de karatê

F.M. – Humrum

S.T. – É como no kung fu, tem os estilos né, os animais. Então um pequeno grupo praticava, né, aquele karatê e cada grupo era um estilo.

F.M. – Humrum

S.T. – Hoje é reconhecido no mundo..., cinco grande estilos né, e aqui no Brasil .... está sendo incluído, são quatro estilos agora vamos ter cinco. Que é voador né, Shotokan, Gojuishi, Touiu e Shothan que é mais..., ele não é tão grande, mas é o difundido ainda né. Então ... karatê, né. E o karatê, né, quando o mestre chegou aqui no Brasil, como que ele? Né, ele não encontrou resistência, porque ninguém conhecia. Então, é, não é gosto ou não gostou, aceito ou não aceito. Ele teve que mostrar. Então nos eventos de judô, nas aulas de judô que aqui já existiam, ele ia com o quimono em baixo do braço, vestia, pedia pra treinar judô, depois ele mostrava o karatê também.

F.M. – Humrum

S.T. – Então teve vários casos, né, de demonstração de lutas, Brasil tem capoeira, aí ele ia lá e demonstrava karatê. E em 1956, que tenha relatos, né, de karatê, ... tem uma matéria publicada no jornal, nós temos uma cópia, depois se você quiser dar uma olhadinha ...

F.M. – Humrum

S.T. – ... é de karatê de 1956. Pode ser, de repente, a primeira publicação em jornal de karatê.

F.M. – E e...

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – No Japão, por que proibiu? A prática das artes marciais, depois da guerra? Que o sistema Japonês, ele é um sistema, que tem um sistema administrativo bem definido.

F.M. – Humrum

S.T. – Então o esporte, o principal, o principal praticante de esportes no Japão são os estudantes, né, como tem o basquete nos Estados Unidos, né, vem sendo contratado né, o colégio contrata no ginásio, faculdade né... No Japão é a mesma coisa. Então a política de trabalho no Japão é: trabalho, né fortalece o intelecto e o físico, né. E pra cortar isso que os Estados Unidos proibiu. Pra não desenvolver o país, né, tava sobre domínio né. Então esses quatro estilos, né, que são os grandes lá do Shotokan, Gojuishi, Touiu e Shothan, ficaram né, desenvolveram bastante, por quê? Por causa da Faculdade, do, que é, que é praticado nas Faculdades, nos colégios, nas Faculdades. Esse Shorin é o único que permaneceu só em Okinawa, né. Então ficou mais ou menos, mais ou menos só nas academias. Então não desenvolve porque não tem uma sequência, né. Porque na Faculdade fez quatro anos saiu, mas o mesmo tanto que sai, entra.

F.M. – Humrum

S.T. – Então fica ... o processo... E uma academia, em qualquer, como a academia aqui, né, se falir a academia acabou o esporte, né. E uma escola, no Japão ela ela não fecha.

F.M. – Deixa eu fazer uma pergunta? Seu pai nasceu em que ano?

S.T. – Nasceu em 1930. Tá com 74 anos.

F.M. – E junto com, junto com ele vieram outros agrônomos né?

S.T. – Sim.

F.M. – E eles vieram direto para São Paulo? Foi contrato, com é que foi?

S.T. – Bom, é, aqui no Brasil, quando chegaram no porto de Santos, né, tem a imigração. E na imigração, pra ser aceito, já tinha pra onde ir, né. Chegava e já tinha pra onde ir, né. Então ele veio, estava programado para ele ir pro interior de São Paulo, e ele já tinha um amigo dele aqui, né.

F.M. – Em São Paulo mesmo?

S.T. – Não, no nordestes mesmo. Na Bahia. Então ele ficou um tempo aqui, depois foi pra lá. Ele não foi pro interior pra poder ir pra lá. E depois ele retornou São Paulo e permaneceu desde então.

F.M. – Esta semana eu estive entrevistando o..., então, ele não trabalhou como agrônomo?

S.T. – Trabalhou, trabalhou.

F.M. – Mas lá na Bahia?

S.T. – Não, em São Paulo. [Koji Takamatsu fala] Na Bahia ele ficou dois anos.

F.M. – Ele entende em português?

S.T. – Mais ou menos.

F.M. – Mais ou menos, se você falar devagar... é...

S.T. – Então, ele esteve por, na Bahia por dois anos e lá ele trabalhou como engenheiro agrônomo em uma grande fazenda.

F.M. – Ah.

S.T. – O dono da fazenda também é médico, né. Gostava muito de lutas, então ele acabou visitando várias escolas de academia, fazendo demonstração, fazendo luta contra capoeirista. Isso tem um relato na, na, Clube da Petrobrás e no Iate Clube Salvador, né,

aquele livro: visitantes ilustres, foi no ano de 1958/9, 7, 8 ou 9 mais ou menos, tem o relato dele lá. Isso, faz ... a pouco tempo ficamos sabendo que teve um pesquisador também da ... que foi lá conferir e estava lá.

F.M. – Ah, legal. E, então eu tive, eu tive entrevistando esta semana o mestre é, Tomegi Ito, do Shotokan. E ele me dizia sobre, como, como ele começou no karatê. Originalmente ele dava aula de judô, depois ele começou a ter aulas de karatê com o mestre é Shinorrara, se eu não me engano ...

S.T. – ..... [?]

F.M. – Harada, isso. E...

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – E os mestres, os..., eu não tenho relato suficiente, certo, né. E o ano que chegou, e a maioria das pessoas, dessa, dessas fases de 50, 60 veio como imigrantes. Depois de 70 pra cá, mais ou menos, é que veio profissional do karatê, pra cá.

F.M. – Aí começou a chegar mestres...

S.T. – É, pra mestres, mestres..., é formados com intenção única de vir pra ensinar karatê. Ganhar dinheiro com o karatê. Até então, as pessoas eram imigrantes, que no caso do mestre, veio aqui como imigrante. E trabalhava...

F.M. – Já saia com emprego mais ou menos ...

S.T. – É, veio, veio, no caso dele trabalhar na agronomia, né. Ele é engenheiro agrônomo, trabalhou em cooperativas né, e, então, nessa época não se tem relato por causa disso. Mas na sua grande maioria, são pessoas formadas, já formadas em Universidades no Japão que vieram pra cá como imigrantes, né. No caso do professor Haradam, ele se formou na Faculdade de Yaceda, lá no Japão.



F.M. – E ele formou no que? Você sabe?

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Talvez economia, administração talvez.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Ele foi pra Inglaterra também.

F.M. – É, acho que foi isso mesmo. E, também, conversando com ele, ele falou do, do mestre Shizomuio que, que num período em que ...

S.T. – É que treinaram juntos.

F.M. – É, foi pra, foi pros Estados Unidos, aí o mestre Shizomuio tomou conta da academia dele...

S.T. – O mestre, o sensei Koyo né, ele é da mesma Universidade de agronomia, foram uns 10 anos mais ou menos mais novo. Acabou se conhecendo aqui no Brasil, o Sakamoto já estava aqui no Brasil, aí veio pra cá. Só que treinava junto com o, com o Professor Ito, né

F.M. – Humrum

S.T. – Só depois disso é que eles vieram a se conhecer.

F.M. – Ah.

S.T. – Porque o japonês é muito unido pela Faculdade.

F.M. – Eu sei, eu entendo isso. Como eu estudei o Taekwondo , na Coreia aconteceu a mesma coisa, é, é ...

S.T. – Nem se conheceram, nunca se viram na Faculdade mas...

F.M. – O fato de ter feito a mesma escola, colégio mesmo, Faculdade, é como se fossem irmão, né. Eles têm muito, é de uma relação bem diferente da nossa. Mas, bom, assim, conversando com esse mestre e tudo, ele tava falando um pouco da dificuldade, assim, do do início, ele, ele prendeu o karatê aqui não? Então ... e o mestre Takamatsu ele, ele já veio, já veio sabendo lutar karatê, né?

S.T. – Já. Já, ele veio com graduação de quinto dan, já. Quando o mestre Otshuta, que é o criador do estilo Madoriu ...

F.M. – Humrum

S.T. – ... né, no Japão ele falou: “ó, tô indo pro Brasil”. Né. E até aconselhou: “vai pros Estados Unidos”. “Não, vou pro Brasil porque já tenho amigo lá, né”. Aí foi concedido a ele o quinto dan, né e ele veio, talvez, dos imigrantes é o que..., não se tem relato oficial, mas é o que veio com a graduação mais alta.

F.M. – Ah tá. Na realidade, esse mestre Kuyo, ele já, ele já, ele veio depois então?

S.T. – Ele veio 10 anos depois, ele é dadô também, mas no começo, junto com o professor Ito, através do professor Harada, né treinavam Shotokan.

F.M. – Humrum

S.T. – Depois voltou a fazer dadô. Então chegou em 1956 e foi pra Bahia, né.

F.M. – E ficou quanto tempo lá?

S.T. – Dois anos.

F.M. – Dois anos. Depois veio pra São Paulo direto?

S.T. – É.

F.M. – Aí se fixou aonde? Em que lugar da cidade?

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – No bairro da Aclimação.

F.M. – Ah

S.T. – Trabalhava na cooperativa, né. Na cooperativa...

F.M. – É, algumas pessoas..., isso foi em cinquenta...

S.T. – Iria em 1956.

F.M. – 1960 já né?

S.T. – É, quase 1970.

F.M. – Década de 60.

S.T. – É, 60, 60.

F.M. – E aí ele, ele começou a trabalhar já com karatê já nessa época ou não?

S.T. – É, o seguinte, logo que ele veio, que ele chegou aqui em São Paulo, através de colegas, ele foi é, apresentado a um professor de uma academia, né, de judô em Pinheiros. No bairro de Pinheiros. E eu acho que ainda tem hoje. O professor chama-se Shigai. Shiromi Shigai, em Pinheiros. É na, naquela rua... eu acho que que ainda tem a academia.

F.M. – Humrum

S.T. – Uns anos pra trás ainda funcionava a academia. E lá, junto com..., o mestre já fazia judô, né, faixa preta, segundo Dan de judô, e começou a ensinar karatê também prum grupo de amigos, né, que trabalhava junto.

F.M. – Com o mestre?

S.T. – É. Isso já em 56, né. Aí quando foi pra Bahia, é, esse dono da fazenda, o médico, também era proprietário ou sócio, não sei, de uma academia que ainda existe lá também, chama Esparta Gin, em Feira de Santana. E ele passou a ensinar um grupo de segurança lá. Então, desde que chegou no Brasil, ele, mesmo trabalhando, ele já ...

F.M. – Conteve uma atividade paralela, com o karatê.

S.T. – É

F.M. – E, você tava dizendo que em 1970 começou a chegar profissionais pra, pra sobreviver apenas do karatê no Brasil?

S.T. – É

F.M. – Como é que foi isso? Como é que se deu isso? Veio de todos os estilos?

S.T. – É, praticamente de todos os estilos. Porque, é o seguinte o mestre estava explicando, é assim. Todas as modalidades teve o bum do judô no Brasil. Então hoje, por exemplo, quem tem 30, 40 anos ou um pouquinho mais, se for buscar no passado, quase sempre todo mundo fez judô. Até mais o judô que a natação, né. Toda a população brasileira. Todo mundo teve algum contato com o judô, né. E o karatê começou a se tornar popular, mesmo no Japão, de que forma? Né. Saiu de Okinawa, atravessou o mar e chegou no Japão. Quer dizer tudo uma coisa só, mas assim, Okinawa é meio isolado no Japão né. E, chegou no Japão, na ilha grande. Aí o que acontece? Entrou nas Universidades, né. Aí para difundir, existir intercâmbio, né, é necessário que exista competição. Aí começou a adquirir as regras, né. Porque o karatê em Okinawa é defesa pessoal, não tinha competição, né. ... fazia Katá, fazia isso, aquilo, mas era coisa muito assim, era um soco e caia. Então, quer

dizer, isso não serve pra, como nós dissemos anteriormente, né, desenvolver o físico, né. Então começou a criar regras. Aí começou a ter intercâmbios, né. Aí começou a popularizar no Japão, aí atravessa o mar, vai pros Estados Unidos, vai... de japonês saí do Japão, né. Na época que foi muita gente pros Estados Unidos, foi pra Europa e veio pro Brasil também.

F.M. – Isso foi pós-guerra?

S.T. – Isso, pós-guerra. Porque os primeiros que saíram do Japão, pós-guerra, cinquenta e alguma coisinha, foram imigrantes. Por necessidade. Porque não tinha lá como sobreviver. Né. Hoje ta acontecendo o inverso. Aqui do Brasil, muita gente indo pro Japão trabalhar, né. E faziam o contrário, vinham do Japão para cá, né. Então ,veio, começou a vir com alguma atividade, né. Quem já ta, já sabia, né, alguma arte marcial, se especializou lá e veio pra cá pra trabalhar na nova terra, novo comércio, né. Veio pra ensinar a atividade das artes marciais.

F.M. – Isso na década de 1970.

S.T. – É. Mais ou menos, que começou a vir gente voltada para isso.

F.M. – Então, mas, mas teve alguma motivação? Alguém da Colônia, falava assim: ó, vem pra cá trabalhar com karatê, o pessoal gosta, tem pouca academia. Como é que foi a motivação desse pessoal que veio para cá trabalhar com karatê?

[Koji Takamatsu fala]

**S.T.** – No Brasil né, no Brasil especificamente, vieram poucos, né, vieram poucos pra cá de profissionais de karatê. Mais foram pros Estados Unidos e Europa. Qual a razão disso, né? Houve convites já, dos professores daqui, né, pra vir, né. Mas no Brasil especificamente não dava muito certo porque os imigrantes que vieram pra cá, antes dessa leva de professores que vieram pra cá. E alguns vieram e foram embora, né, porque não deu muito certo. Porque os imigrantes que vieram antes vieram, éééé, como não veio na intenção de ensinar, né, aprenderam com mais, vamos falar assim, com mais paciência,

vamo falar assim, né. Porque formou-se muitos professores e vieram. Só que os imigrantes que já estavam aqui conheciam mais, né. E outro fato ..., outro, outra, outro fator também que teve dificuldade no Brasil ,né, é que no Brasil, pra sobreviver da arte marcial, né, não tem ..., o país economicamente não nos permite que cobre uma ta..., um valor muito alto de mensalidade. Se compará muito não vai vir, né. ... não é capaz de pagar então, ah, por instabilidade econômica né, o Brasil não permitiu que muito professores viessem aqui só pra viver do karatê.

**F.M.** – Vocês vivem exclusivamente do karatê?

**S.T.** – Hoje sim, hoje sim.

**F.M.** – Você tem alguma formação?

**S.T.** – Tenho. Eu sou formado em Educação Física.

**F.M.** – E qual a sua idade?

**S.T.** – Eu tenho 39.

**F.M.** – E já ta trabalhando com o karatê?

**S.T.** – Já, faz tempo. Faz tempo.

**F.M.** – Hoje vocês conseguem sobreviver do karatê?

**S.T.** – Sim

**F.M.** – É difícil? Como é que é?

**S.T.** – Bom, fácil não é, né. Fácil não é. Mas como essa academia é a matriz do Brasil, né, nós não temos tantas filiais. A de São Paulo pra baixo, vamos falar assim, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso. Sul e Mato Grosso. Então tem

mais ou menos a matriz aqui, né, então nós estamos aqui na Lapa já nesse bairro aqui, nesse, nessa área aqui já 30 anos, né, então a gente já tem alguma estabilidade. Mas a gente vê muita academia abrir e fechar.

F.M. – Uma coisa que eu, que eu percebi quando eu tava... uma coisa que é uma, uma característica do Taekwondo , é que o Taekwondo ele veio alguns... ele veio também na década de 70, mas muitos mestres que vieram é, dizem que foi por convite do governo militar, pra treinar polícia militar, combate ao terrorismo e tal. E você citou que vieram, vieram alguns mestres de karatê na década de 70, queria saber se tinha, se tinha também essa essa característica, como teve o Taekwondo . Cê você sabe, ou se seu pai sabe.

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – Não, o convite daqui já de pessoas ...

F.M. – Da própria colônia...

S.T. – ... da própria colônia, que o karatê tem estilos, né. Então, ahah, o estilo... Ah tem alguém querendo vir pra cá? Não sei o que? Tem espaço. Ou: dá pra ir alguém aí? Né. Porque a colônia japonesa, ah, dos orientais é a mais antiga, né. Então não teve muita ligação assim nesse sentido. Que já exis... já existia né, uma raiz forte entre ... de de, da colônia.

F.M. – Então, e e e, seu pai chegou em 56 então, e ele teve a oportunidade de ver todo esse processo do da né, dos militares tomando o poder e controlando toda sociedade e eu queria saber dele como é que como é que ficou, nesse sentido, a prática do karatê, falando especificamente nesse período. Se ele, se ele sofreu algum tipo de de de assédio por parte dos militares ou pra dar treinamento ou ou pra num dá pra determinada pessoal, se alguma coisa existiu. Houve uma relação desse karatê, do karatê Doiyou com o período da ditadura militar.

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – É, de karatê ... ele nunca ouviu falar que em época de ditadura teriam alguma, alguma condição de ensinar ou deixar de ensinar, né. Mas ele teve casos na Bahia, por exemplo, que filho de fazendeiro né, o fazendeiro forte pediu, forte quer dizer economicamente poderoso, né, pediu pra ensinar particularmente um filho, assim. No, e aqui ... no Rio nós tivemos um professor que trabalhava em Brasília, hoje ta na Europa que lecionou o karatê na escola de cadetes, como é que chama? Em Brasília? Escola Militar... Colégio Militar. E nós temos caso também de que hoje é capitão, polícia essas coisas que treinou aqui. Então, já tivemos um convite também pra ensinar a, é que acabou não dando certo por vários fatores, mas na, na Academia da Polícia. Aqui perto no na Avenida Tiradentes, né.

F.M. – Mas é, então assim, teve uma relação... . A relação que teve nesse sentido de treinamento de de militares então era uma relação mais direta. O cara vinha espontaneamente e por acaso a atividade dele era policial fora daqui, ou do exército fora daqui. O, o o,o o seu pai, enfim a academia de vocês nunca foi convidada assim, é, foi convidada você disse, mas nunca chegou a trabalhar dentro do quartel, ensinando diretamente.

S.T. – Não.

F.M. – Bom, eu tô vendo que o mestre tem alguma dificuldade ainda pra falar Português e já correu muito tempo, né, desde 56 aqui e a pergunta que eu faço é a seguinte: como é que ele fez pra se virar nesse sentido? Já que ele só fala japonês, como é que foi essa essa, essa sobrevivência principalmente, sobretudo na Bahia, né, onde onde num na Bahia e aqui em São Paulo?

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – Naturalmente não é 100% de português que ele que ele domina, mas ele vai muito pra curso. Que cê tá falando aí ele tá entendendo, eu num faço nada, é ele quem ta falando, né. Mas ele vai dar curso sozinho e tudo e. Assim...

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]



S.T. – Ele tá dizendo assim, é, arte marcial ou se não atividade física, se fala muito, o aluno não aprende. Precisa mostrar, né. E eu digo que é uma política [acabou Fita Lado A]. É... fica muito fácil pra entender, então não aprende. E se tem alguma dificuldade, é como você mesmo ...

F.M. – Humrum

S.T. – ... tá escutando. Quer dizer: prestou mais atenção.

F.M. – Humrum

S.T. – Né, se você teve mais trabalho, se preocupou mais em entender, né. Então ah, não que isso seja bom ou ruim, mas as pessoas que tem muito tempo de contato com ele acaba entendendo, né.

F.M. – uma, uma outra questão é a seguinte: algumas pessoas dizem que o treinamento desses primeiros mestres era muito rigoroso comparado com aquilo que os brasileiros estavam acostumado. Eu queria saber, da parte do seu país se ele teve que fazer algum tipo de adaptação no karatê Padoril, que ele tava aplicando aqui no sentido de de, é, tornar mais fácil dos brasileiros aceitarem isso.

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – Ele tá explicando o seguinte, ah, por parte dele, ele não modificou, né. E assim, mesmo na época dele, quando ele entrou na Faculdade, quando ele entrou no primeiro ano, entraram com ele 50 alunos no Departamento de Karatê. Na formatura só tinha 3, ele e mais dois, né. E o que ele diz, mesmo hoje, né, é lógico, quando eu dou aula a gente muda alguma coisa ou não mas a aula do mestre é totalmente igual, desde que eu comecei a treinar ... né. E não é porque vai ensinar brasileiro ou japonês ou qualquer outra, pessoal de qualquer outra nacionalidade que ah, ele vai alterar e vai surtir o efeito esse ou aquele. O que ele fala é falá assim: eu sou japonês aprendi no Japão e ele, e quem tiver aula comigo vai aprender no sistema japonês.

F.M. – Humrum. É, eu fiz essa pergunta porque, principalmente o professor Ito, ele ele tava dizendo que o método do mestre Harada era um pouco rígido demais praquilo que os brasileiros estavam acostumado. Então ele..., saia com a perna em carne viva e tal esse tipo de coisa. Por isso que eu perguntei também se da parte do seu pai se isso havia acontecido. Não não seria, não seria uma mudança, né totalmente. Num é uma mudança de estilo mas é só deixar um pouco menos rígido nessas questões, né. Na questão da exigência física.

S.T. – Sim. O que acontece ... que fala pra nós é que a filosofia de trabalho da arte marcial, esporte é conflitante, né. Porque a defesa pessoal da arte marcial é defesa pessoal, preservar sua própria integridade física. E do esporte, né, que é um link, é preservar a integridade física do oponente.

F.M. – Duas participantes né.

S.T. – É. Então é, deixa de ser defesa pessoal, passa a ser esporte, né. E a dificuldade também que o sensei, que não se explica hoje, eu sou treinador da seleção juvenil do estado de São Paulo, da Federação Paulista de Karatê, é que perdeu a sua essência. E é uma coisa bem verdadeira, né. Numa luta de karatê, se o adversário me acertar, é lucro meu porque o adversário vai levar uma falta de penalização e eu posso até ganhar uma luta. Então não se treina a defesa, né. E uma filosofia do sensei, que ele fala é que uma defesa só se torna eficiente se o adversário, é, lhe oferece condição de perigo. Então o ataque tem que ser feito, pra defesa ser eficiente. Então, lógico, que quem emprega aqui olha vai lá e machuca o outro, não é mais assim, não perder a essência, nesse sentido ele é rigoroso. Trabalha-se muito o fundamento, né. A aula não é nada recreativo, é repetitivo, né.

F.M. – Que é um, que é um princípio da arte marcial. Pela repetição você ...

S.T. – ... e o que acontece é que os alunos hoje, né, com a tecnologia, tudo, hoje se leva menos tempo pra aprender as coisas, né. Então quanto mais repetitivo for é mais estressante pro aluno. Mas mesmo professores que vem aqui no Brasil, no nosso estilo, vem aqui e fala assim: hoje no Japão a gente não treina mais desse jeito, tanta repetição. Então é...

F.M. – No Japão mesmo já houve uma mudança?

S.T. – Já houve uma mudança. Porque você for ver na colônia, você vai realmente ver que o japonês do Brasil é mais japonês que o japonês do Japão.

F.M. – É porque o japonês do Brasil as vezes tá com a cabeça lá na década de 50, década de 30, quando ele veio.

S.T. – E cê vai, vai pro Japão, por exemplo, senhoras de 50, 60 e 70 anos tá ... no computador.

F.M. – É é, sensacional.

[Pausa na gravação]

F.M. – É, a pergunta que eu ia fazer é comparando um pouco com o Taekwondo , uma coisa que eu vivenciei e que eu estudei nesse meu trabalho é que a medida que o Taekwondo se tornou um esporte e depois um esporte olímpico, nas academias, é é, algumas técnicas passaram a ser mais privilegiadas do que outras no sentido de, é, promover a a criação de atletas pra participar das competições brasileiras, estaduais, brasileiras, panamericanas e olímpicas até, um último grau. Então você percebe que o Taekwondo passou por duas grandes mudanças. Uma no sentido da velocidade, ele se tornou mais rápido, mais dinâmico é, e, e, os golpes as vezes não com tanta firmeza mas com mais velocidade pra você atingir o oponente mais vezes porque é, em função da quantidade de vezes que você atinge o oponente você tem mais ou menos ponto. Então você vê que o Taekwondo se tornou muito mais rápido, ãh, privilegiando esquivas e contra ataques rápidos. E a outra, a outra mudança no sentido de que é, é, se treina muito mais aquelas técnicas específicas para competição do que as outras técnicas que tavam mais relacionadas ao Taekwondo arte marcial. A questão da repetição ainda persiste, mas não a repetição, uma repetição mais da competição, mais voltada pra competição. No karatê Yado, eu sei que o karatê de uma forma geral, ele á passando por um processo de

esportivização também, mas você percebe alguma coisa nesse sentido? O seu pai também percebe alguma coisa?

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – O karatê, assim, pra começar a conversar sobre esse aspecto, né no karatê [telefone toca]... começa pelo estilo não tem jeito. Estilo. Então o que que acontece? O karatê como nós falamos tem grande, tem quatro grande estilo, mais um quinto, né, e o tekondo tem duas Federações, num tem estilo, né. Como no karatê, a competição do karatê, ahãh, num diz nada a respeito de estilo, a regra é a mesma pra todos estilos, né. Então ah, dentro de estilo né, ah, cada estilo contém uma técnica específica, num dá pra criá mais estilo porque não adianta juntar dois porque não vai virar um estilo diferente, um terceiro estilo, né. Cada estilo, que nem o Hadorio preserva muito a distância média como esquiva, não é um choque, não é, não é um choque, como o Shotokan que é um golpe longo distância longa, mais força, né, bolqueio é no braço mesmo, o ... é na esquiva, então, grande tem tanta vantagem sobre o pequeno, as técnicas. E cabe ao atleta fazer, né, fazer valer a distância do seu estilo de origem pra na competição inter estilos conseguir ter um proveito. [telefone tocou novamente]. Então no karatê, dentro de treinamento específico para a competição existe aumento de velocidade, mais pontuação, porque a regra hoje exige mais, menos força e mais..., eu não digo força, mas força bruta, né, mas velocidade, golpes variados, como você falou, treinar mais determinado golpe, técnica que vale mais ponto que outros. Isso existe dentro de um treinamento específico de competição. Agora, a característica do estilo, o que vai fazer a diferença, né, ah ah é a técnica da da, o treinamento da técnica de estilo, então daí não se abre mão porque senão fica todo mundo igual. Não é? Que nem futebol, né. Brasileiro se for... tem dificuldade de jogar na Alemanha, por exemplo, por que? Porque é muito brutal. O que é falta aqui não é falta lá, né. Então isso é o estilo.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Que nem que o o Sensei Ito tava falando, né, estilo é antigo, é muito duro, sai machucado essas coisas por que, né? Porque na época dele que treinava com a espada, era a mesma coisa. Era estilo, não era competição. E era técnica pura do estilo, né. E na competição, por exemplo, se eu golpear com mão qualquer parte do meu rosto é um ponto,

pelo karatê. Só que quando se torna um treinamento por estilo, né, a defesa pessoal do karatê, a arte marcial do karatê, né, ensina que tem que procurar pontos vitais. Se eu bater aqui, né, vai machucar mas não vai derrubá, né, tem que pegar aqui, ou aqui, né. Aqui na boca do estômago, não adianta bater no peito, mas na competição, além de colocar uma luva, né, qualquer lugar é ponto. Então o treinamento se torna diferente, né. Porque na mão, se eu bater aqui não dói de jeito nenhum. Então, nesse sentido, é, o rigor do treinamento ou a insistência na repetição, né, é caracteriza o estilo.

F.M. – É, mas hoje vocês aqui lutam no no karatê Wadô, vocês trabalham ele como esporte ou como arte marcial? E e, dependendo da resposta, o que definiria um e outro aqui, que vocês consideram?

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – É, o nosso estilo tem uma característica, quer dizer, né, o mestre Takamatsu, a forma dele ensinar, né, que ele deixa muito aberto para o aluno escolher o caminho que ele deseja seguir, né. O fundamento, obrigatoriamente, é igual pra todos, porque aqui é a matriz da Wadoriu, nu no Brasil, na América do Sul. Então o fundamento

Ele é insistentemente cobrad, né. E a partir daí, se ele vai virar um atleta ou um praticante de estilo, ou se tá vindo porque faz bem pra saúde, ou a mãe mandou pela disciplina, uma filosofia mais assim ah, disciplina não de fazer bagunça, mas di de se achar, ná. Então existe vários programas. A academia, né, é aberta ao público em geral né, é uma filosofia do mestre Otsuka, né, que sensei, ele aprendeu com o mestre e passa né, que a partir do momento que o aluno tem vontade de aprender, não importa a qualidade técnica, a capacidade técnica do aluno, né, nós devemos respeitá-lo e atendê-lo em tudo que ele nos solicitar, né. E, especificamente no que você perguntou anteriormente, o aluno ele quer se tornar um atleta, ele vai fazer todo o fundamento, todo estilo Wadoriu, né, todas as aulas regulares, né, e nós acrescentamos mais algumas aulas voltada à competição, né. Então, na academia todo mundo tem uma aula né, vamos falar assim 100% da aula técnica de de estilo. E além disso, se ele quiser nós temos aulas, treinamento para competição. Tanto que daqui nós já, eu mesmo já fiz parte da seleção brasileira de karatê, tem vários outros que estão na seleção estadual, né. Outros estados também tem.

F.M. – Então, essa seleção brasileira é a seleção brasileira geral?

S.T. – Geral.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – É, no nosso estilo Waldorff nós temos dois Guachicus. Guachicus é treinamento intensivo. Nós ficamos 3, 4 dias concentrados num hotel fazenda, ou em algum lugar, um no Paraná e outro no interior de São Paulo, né. Fazendo treinamento de manhã, tarde noite, manhã tarde e a noite, com palestras tudo né. Acordando as 5 da manhã pra começar, pra começar seis horas da manhã já treinando, essas coisas. E nós temos dois eventos, dois campeonatos né, um é no meio do ano junto com o Guachigo, na sequência, e outro no segundo semestre, né. Então nós temos a parte de competitivo também, mas assim, só lado interno nosso.

Koji Takamatsu fala junto

S.T. – Mesmo o pessoal...

F.M. – ... é um sistema de vocês né?

S.T. – É. E complementando essa pergunta de competição, assim, hoje, hoje o público do karatê, ah houve fases, houveram fases. Aí teve a primeira que era, né todo mundo entrava, né, na década de 1970 que eu comecei a treinar era pancada mesmo, não tinha nada de protetor, di di equipamento de proteção, não usava protetor, nada e era, batia mesmo. Né. Aí começo aí mudar, por política de aceitação dos alunos. Ninguém gosta ninguém gosta de apanhar, né. Então hoje não existe aqui, eu vou entrar numa academia de karatê será que eu vou apanhar? Não não vai apanhar. Só se o professor for louco, né. Ele vai acabar perdendo aluno e também não faz bem pra saúde de ninguém. Então a procura, se você calcular, 10% dos alunos num chega 10% dos alunos aquele que quer ir competir, né. Porque a competição já existe no dia a dia, então hoje é mais família. Vem pai com a mãe, com dois três filhos faz a aula todo mundo, bacana, vamos embora, né, saudável.

F.M. – Hunrum

S.T. – Né. Vai fazer uma competição? Nós fazemos uma competição que nós começamos as 9 da manhã, duas horas da tarde acaba. Depois disso nós fazemos uma confraternização, né. Porque a competição é saudável? Sim, sim, pras crianças, pros adultos, sim, mas assim, não é, não chega a ser 10% do que o karatê pode ensinar.

F.M. – A questão, que eu tava pensando agora? Ah sim, você disse que começou na década de 70 e você é, disse que foi até um boom nessa época

S.T. – Sim.

F.M. – É, mas o que que você aponta como principal ou como as as, os motivos, né, pra ter esse boom no Brasil de brasileiros procurando e pessoas procurando o karatê de maneira geral?

S.T. – Olha, ah, é primeiro é como você disse aceitação da cultura japonesa no Brasil, né. O japonês costuma né, quando fala de japonês pode falá, a palavra vale não precisa assinar papel nenhum, né. Quer dizer tem um a imagem do honesto, né, do verdadeiro, né. E o... tinha o judô, né, tem o judô, já tinha todo mundo fazendo o judô depois entrou o karatê. Coincidentemente ou não, né, a época que eu vi mais alunos de karatê procurando uma academia foi aquela primeira vez que apareceu aquele, que apareceu na televisão, na Globo, o Karatê Kid I. Faziam filas, era filas de gente entrando pra karatê, né. Então naquela época o karatê virou uma coisa nova. Depois veio o Taekwondo com, não foi tão explosivo quanto o karatê, né, porque tem menos academias também, né, depois veio o jiu-jitsu, né, que também tem uma caída. Agora tem também aikido, yoga que o pessoal ta fazendo. Então, é meio que modismo, né, e eu não chego citar como problema, mas assim karatê por ter muitos estilos, né, muitos estilos acaba tipo o aluno do wadou, wadoriu. Vai numa academia Gouju- Ryu, né, ou qualquer outra a sua faixa não serve. Porque o fundamento é totalmente outro.

F.M. – E não serve mesmo.

S.T. – E não serve mesmo porque não adianta é parecido só. É igual você querer fazer uma prova de espanhol falando português, é parecido só. Num serve mesmo. Dá pra fazer uma adaptação tudo para não perder a faixa totalmente, mas o faixa preta de outro estilo vai entrar aqui e não vai ser faixa preta e nem nós em qualquer outro lugar. Então existe esse... porque o público muitas vezes não entende. Nem sempre o menino sai daqui da Lapa e vai pra Vila Prudente. Não tem Wadou lá, só Gouju- Ryu, né. Então como faz né? Então tem esse tipo bom e as vezes não tão bom também.

F.M. – Vocês precisam começar a aula que horas?

S.T. – Deve até estar começando mas tudo bem.

F.M. – Vou tentar ser mais rápido pra num atrapalhar. Eu fiz esta pergunta também pelo seguinte, muitas pessoas falam da influência dos filmes do Bruce Lee, não sei se seu pai pode falar se no começo ele sentiu influência disso, nas aulas as pessoas procurando karatê em função é de que na época tinha muito onde procurar kung fu e ai queriam fazer aquilo que eles viam no cinema e...

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – E, o boom do karatê, né, é mais ou menos década de sessen..., no início da década de setenta, né, mais ou menos. E como você disse, teve muita influência dos filmes do Bruce Lee e tudo e também houve, não sei se você já ouviu falar em Antonio Donke, é um japo, é japonês, mas ele veio aqui..., é um luta, faz luta livre. Até lutou com o Mohammad Ali, o Cassios Cley um que ele só ficou deitado e o outro só de pé, quer dizer foi um show lá que eles fizeram só figuração mas, é... ele veio pra cá, ele inclusive é irmão do finado mestre Sagara do Shotokan. E veio pra cá e levou o trabalhou aqui em cooperativa, essas coisas, e veio um lutador de luta livre do Japão pra cá, né chamado Ikidosa, né. E na época ele mostrou, derrubava, né, esses luta livre, batia assim [barulho de soco] e falava que era karatê. Até hoje a gente vê falá olha vou te dar um karatê e faz assim...

F.M. – É, é.



S.T. – E falava que era um golpe de karatê. E batia desse jeito. E aí o nome karatê começou a ser difundido.

F.M. – Porque antes nem se conhecia o nome.

S.T. – É, não se conhecia porque era uma coisa muito criada dentro..., isso em 1965, na época mais ou menos da Olimpíadas de Tóquio em 1964. Então esse termo começou a divulgar muito o karatê. Você deve ter ouvido falar do: vou te dar um karatê.

F.M. – Ah, sim.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – E nos Estados Unidos também teve muito na guerra da Coreia que tinha base no Brasil, no Japão aliás e aprendeu o karatê no Japão, voltava pra lá e começou também a difundir o karatê nos Estados Unidos dessa forma também.

F.M. – É, mas também é, muita coisa assim na década de 1980 e principalmente na década de 1990 você começa a ter alguns desenhos que de certa forma faz referência as artes marciais, jogos de vídeo-game muita muita força né, e também na década, final da década de 80 e principalmente década de 90 né, isso aí, e, assim, nunca há nesses jogos, nesses desenhos uma referência, muitas vezes não há uma referência direta a determinado tipo de arte marcial mas há a figura do artista, da arte marcial lá, e e a minha pergunta, nesse sentido é saber se vocês percebem nos alunos que vem procurar aqui se há este tipo de motivação. É, pelo fato de ter contato de alguma forma indireta e acabam vindo pra academia e fala ah pô é isso que eu vi no vídeo game ou isso que eu vi no filme.

S.T. – Das crianças, o que nós temos conversado muito é existe, existe isso principalmente em criança pequena, né. Adolescente já não é tanto assim, mais criança na fase do ensino fundamental de 10, 11 anos. Além..., mais pra cima né na faixa etária já mais do adolescente, ensino médio, já não tem tanto, né. Agora, o que favorece o karatê? Porque o Karatê é o nome mais popular do que outras artes marciais. Ninguém fala Kung Fu, pouca gente fala Taekwondo . Taekwondo depois que virou um esporte olímpico teve que se

desvincular do do karatê. Porque quando os Coreanos vieram aqui pro Brasil, né, eles falavam que era Taekwondo Karatê. Juntava. Taekwondo Karatê. Por quê?

F.M. – Chamavam de Karatê Koreano.

S.T. – É, Karatê Koreano. Por que? Pra, mais fácil pra propagar a arte, né. O produto. E depois que virou esporte Olímpico, que foi exatamente em Seul. Que país cede tem condições de apresentar um esporte, né, daí teve que desvincular totalmente Taekwondo Taekwondo Taekwondo Taekwondo . E também no Brasil que tem uma menina que parece que foi campeã mundial, que também tem que fazer alguém rapidamente pra manter, pra não deixar cair, né. E eles são mais unidos, não digo mais unidos ou não, é porque tem..., existe uma Federação única que manda, então fica mais fácil também. E o problema do Karatê é que você vai nos caciques, n é, então é complicado.

F.M. – Mas tudo bem. Mas o que... o Taekwondo acontece muito assim que eu percebo uma diferença muito grande entre um mestre coreano, a forma como ele trabalha, e o mestre brasileiro, a forma com que ele trabalha. O mestre coreano ele tem um sistema coreano [rs].

S.T. – É, porque o ensino, o ensino de lá é o Taekwondo foi criado ah, com finalidade não digo única, mas majoritariamente pra servir o exército, então o objetivo exclusivo era derrubar. Funciona, tem que funcionar. Por isso o treinamento por vezes fosse mais rigoroso porque no popular, né, a pele ta em jogo [rs] né, então... lógico que pra cá tem que mudar porque como no karatê não dá pra ser ... você vê foto de lutador antigo não tem os dentes, nenhum tem dente mas pra se tornar esporte, como no, integridade física minha e do oponente também. Então, bateu, excesso de contato é penalizado, então começa a suavizar um pouquinho, mas aí vai entrar aquele outro lado perde o princípio fundamental pelo qual foi criado, né. Então é complicado.

F.M. – Na realidade assim, você falou, é que é que a diferença que eu vejo assim muito é que o Taekwondo é que o Taekwondo é uma coisa mais Institucional mesmo, foi foi, o presidente era general.

[Koji Takamatsu fala em português mas eu não consegui escutar]

F.M. – Hunrum

[Fim da fita I]

S.T. – A questão não é que um é melhor outro é pior, nada disso, mas a diferença principal está no sistema político do país que criou. Né, porque Coréia é até alguns anos atrás tinha um dono, tinha um dono de verdade o resto era tudo escravo do dono, né. Então ah, você tem alguma, é como em Cuba. Se você é um esporte, atleta de destaque, você consegue sobreviver, tem algumas regalias. Senão você passa fome, né. Então tem essa diferença...

F.M. – O fato da Coréia ter passado por um longo período de ditadura militar foi excelente porque eles eles investiram dinheiro pesado no Taekwondo , no desenvolvimento do Taekwondo .

S.T. – Sim. E era obrigação do soldado saber isso. Então popularizou nesse sentido, né, como no no início da entrevista ele falou, o karatê se difundiu através das escolas, né, então o sistema, esse sistema do karatê é extremamente, é do colégio. Por isso não acaba, né, das faculdades. Por isso não acaba, sempre ta renovando. Então tem esse princípio, então tem objetivos distintos né, então um trabalha de um jeito e outro trabalha de outro, isso num...

F.M. – É, a gente comentou a pouco a questão do Taekwondo usar o nome de Karatê Coreano eu queria saber do seu pai se houve alguma rixa, algo nesse sentido pelo fato de pô o cara ta usando o meu nome ali, sacanagem, de certa forma tá pegando meu aluno e tal. Como é que foi esse período?

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – Hum, problema, rixa isso num chegou a acontecer mas a preocupação existia né em caso de acidente. Né, como eu via uma gangue em Brasília falava que era aluno de karatê. Depois foi vê e não era nada disso. Mas até provar que não era, o nome do karatê, né, da

mesma forma que karatê ficou muito popularizado, muito correu nome, quando o Collor<sup>1</sup>, né, praticava, até recebeu faixa, graduação de homenagem então essas coisas. E depois virou piada que falou que o Collor era o maior lutador de karatê que derrubou com um golpe só o país inteiro [risos] acabou virando motivo de piada né. Então, com essas coisas, principalmente por ser de origem japonesa, né, os professores tomam cuidado. E no Japão tem muito disso, né, em Instituições educacionais, escolas né, vai praticar, muito cuidado, o que faz aqui é só aqui na academia, não é para experimentar em amigo, irmão, tio, tia, essas coisas, né. A disciplina né...

F.M. – Existem também uma questão que o pessoal associa muito, isso quem me disse foi o professor Ito né, na questão de de... o karatê de todos outros estilos é uma coisa e o Kioko Shim é é mais procurado praquele que quer briga mesmo. Existe um pouco isso? ... dessa forma

S.T. – Existe, ãh, não digo preconceito mas não é nada, assim que eu o karatê Kioko Shim?

F.M. – Humrum

S.T. – Né, o mestre deles, né, que faleceu, o Yama, né. Que na realidade ele não era japonês. Ele era Coreano, então, então, ãh ãh, usa o nome mas é uma coisa, se falá Kioko Shim é uma coisa totalmente assim de num num, é como se fosse outra modalidade.

F.M. – Uma entrevista com um mestre coreano ele disse que o karatê Kioko Shim é, é quase igual ao Taekwondo ....

S.T. – É

F.M. – É pouca diferença e o cara era primo, disse que era primo do criador do Taekwondo.

[Koji Takamatsu fala]

---

<sup>1</sup> Fernando Collor.

S.T. – Porque na realidade Kioko Shim é, os outros estilos de karatê não vê como karatê porque não existe fundamento. Ele faz um ou dois katas, mas assim é mais o treinamento...

[Koji Takamatsu interrompe para falar]

F.M. – Então junta estilos...

S.T. – E adapta.

F.M. – E enfatiza mesmo é luta mesmo.

S.T. – Então o treinamento é exclusivamente de luta, então num, assim num vê como o karatê, né.

F.M. – Perde o fundamento.

S.T. – É, o princípio né. Que qualquer estilo é fundamento tudo.

F.M. – Eu tô percebendo na fala de vocês uma relação muito forte entre técnicas tradicionais da ar..., da da da daquela prática, daquela arte marcial...

S.T. – Sim

F.M. – ... e a repetição dessas técnicas, a a a execução dessas técnicas lá na academia é que tão dando a essência daquela arte marcial, é mais ou menos isso?

S.T. – Sim. Porque...

F.M. – É menos, é menos luta e mais uma série de prática de de movimentos tradicionais daquela técnica.

S.T. – É. Porque o mestre, o mestre costuma dizer, né, é como um bom vinho né, um bom uísque, num dá prá antecipar as coisas, né. Os doze anos têm que esperar doze anos, num dá pra fazer com oito.

[Koji Takamatsu falar]

[Fita é interrompida]

S.T. – Todas as artes marciais, né, vamos falar de Karatê Waldorui, né, mas uma modalidade de combate de luta em geral, existe duas formas de você aprender, né. Uma, uma é do instinto, né, já nasceu mais ou menos pra aquilo, né, aprende com o corpo. Vai lutá, tem um dom, tem uma garra, tem uma insistência, não se incomoda de apanhar no início e vai..., e... né, bateu aqui dói então defende assim, né, assim dá pra defender. Então vai no instinto aprendendo. Esse tem aqueles que para no meio do caminho porque cansou de apanhar e outros que desenvolvem até chegar ao limite dele. Mas isso é um processo muito seletivo.

F.M. – Hum.

S.T. – É como fazer Kioko Shim, fazer um boxe. Num dá pra você aprender sem apanhar, né. E outra, é ensinando fundamento, né, a teoria: óh, se tiver nessa posição faz isso, faz aquilo, né, e vai aprendendo...

[Uma mulher falar e o Sérgio responde “humrum”]

S.T. – ... e vai por instinto, e vai por por teoria, né. Esse leva mais tempo, né, esse leva mais tempo pra aprender a teoria e situações, leva mais tempo. Só que esse está né aberto a condição de qual... de todas as todos os alunos, mesmo aquele que mais franzino, mais forte, menos forte, mais hábil, menos hábil. Leva mais tempo mas tem condições de aprender. Outra forma, é uma forma mais seletiva, né, aquele que tem um rigor físico maior vai agüentando mais e vai indo, pelo caminha vai ficando muitos.

F.M. – Humrum.

S.T. – Né. Então o, a importância do fundamento é que vai tar a alcance de senhoras, senhores de mais idade, crianças, vai tar no alcance de todos. Então pega mais, como se diz, não se torna uma coisa seletiva, né, só aqueles que tem condições né. Porque numa academia você não tá com um grupo, por exemplo, do vamos supor vai, que entrou no exército, dezoito anos, né, dezoito anos você pode puxar. Um grupo selecionado. Então, você tem que muitas vezes criança junto com adulto, uma pessoa com mais idade, menos força, menos fôlego, mais preparada, menos preparada. Então você consegue abranger uma gama maior de alunos, né. São duas, basicamente duas formas de aprender.

F.M. – Na realidade... Então ãh, não significa assim, é só fundamento. Tem um cara que é bom de técnica e ele se desenvolve também, por um outro caminho, mas se desenvolve, então é o cara que tá mais preocupado com a teoria mas também se desenvolve da mesma forma, só que mais lentamente.

S.T. – É. Porque como eu disse aqui né. Todos aqueles que tem vontade de aprender e que nos procura, né, não importa o tempo que leva, nós temos obrigação né, de respeitar a condição e dar todo o auxílio, o respaldo pra poder aquele interessado em aprender, aprender, né. Da mesma forma que por melhor que seja um potencial enorme a gente não vai buscar em casa pra ensinar.

F.M. – O Wadoriu, qual que é o significado da palavra?

S.T. – Wa, a palavra Wa significa paz, né, harmonia, equilíbrio, né. “Do” é o caminho, “riu” é o estilo. É o estilo da harmonia da paz, do equilíbrio, né.

F.M. – Então é é na..., estudando o Taekwondo eu percebi que é é, ele como como as demais artes marciais, ele tá ele tá influenciado, sofrendo influência de algumas filosofias orientais, né. No caso do Taekwondo, por ele ser coreano, ele tem uma coisa muito forte com a coisa d hierarquia que na coréia vem muito confucionismo. E na questão da luta, você percebe muita coisa com o Zen Budismo e tal, na na nos princípios que eles apontam como, que nos princípios filosóficos e na própria na na na organização dele, né, a hierarquia é muito forte e também o fato de ele ter nascido por influência de militares e tal.

Eu queria saber no Karatê Wadoriu se vocês per... a presença de que filosofia você encontra com mais força, vocês encontram esse tipo de coisa.

[Sérgio Takamatsu traduz pra Koji Takamatsu que responde]

[Fita é interrompida]

S.T. – O Karatê Wadoriu, o mestre criador que é o mestre Otshuka, né, ele já era um mestre de Jiu Jistu no Japão. Não é Jiu Jistu, esse brasileiro...

F.M. – Humrum.

S.T. – ... é um Jiu Jistu com estilo, tudo. E ele aprendeu começou a aprender Karatê, ele fez karatê Shotokan, né, e ele misturou as técnicas que ele achava que era insuficiente no karatê, né e criou o Wadoriu. E o Wadoriu desses quatro grandes estilos é o mais novo, né. E o Karatê Wadoriu é considerado o karatê moderno. Através do Karatê Wadoriu é que começou as competições de karatê.

K.T. – No é novo, mas velho... [não escutei o resto, mas no final ele ri]

F.M. – Humrum.

S.T. – É um novo Karatê, não é um karatê novo é um karatê moderno, né. Ele foi ele foi desenvolvido, né, porque não existia competição. Se você vê fotos...

F.M. – E tem data isso aí? Data mais ou menos de quando?

S.T. – Eu tenho, a gente tem no nosso site

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Tem a data da formação.



[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Então isso ...

[Koji Takamatsu continua falando]

S.T. – E isso foi desenvolvido, né a gente até fala é meio conflitante essas coisas, conflitante...

[Koji Takamatsu continua falando]

S.T. – Tem setenta anos de fundação. Foi em 1935 mais ou menos 35 mais ou menos, isso é do ano passado.

F.M. – Então ele é anterior a guerra?

S.T. – É, é, anterior. E é o único estilo...

K.T. – ... mais história de Okinawa, sabe? Eu conheço...

F.M. – Humrum. O Wado foi mesmo, mesmo essa mistura... do JiuJisto com o Shotokan que que originou o Wado, isso tudo...

K.T. – ... só karatê é Karatê, mas não ouve, não ouve do karate

S.T. – É, o primeiro nome de estilo...

[Koji Takamatsu não continua falando e ri]

[Koji Takamatsu e Sérgio conversam]

S.T. – Porque o karatê enquanto desenvolvido em Okinawa, ele tinha clãs. Karatê do clã de Fracoxi. Que depois virou Shotokan, né. O primeiro nome de karatê, quem pois nome,

primeira vez que pois nome de estilo foi Wadoriu. Depois outras pessoas colocaram, né. Então existia que nem Shitoriu num sei o que da família tal, da família tal, da família tal, da família tal. Porque saiu de um mesmo...

F.M. – Tinha nome da família, a técnica da família mas não tinha o nome do do estilo

[Koji Takamatsu falar mas não dá pra entender]

S.T. – É que nem o Gouju- Ryu tem o professor Yonami, tem o professor...

[Koji Takamatsu fala mas não dá pra escutar]

S.T. – Porque o karatê de Okinawa mesmo o pessoal da Shorin com o professor Chinzato, dentro da aula dele os alunos fazem katá da Gouju- Ryu, mas não é aquele katá tão Gouju- Ryu. É katá do professor tal, né, que depois acabou virando estilo. Que nem cê vê aula de Shitoriu, que é mais ou menos a mesma família que começou, ah, muda, a mão é assim virou assim, assim é Gouju- Ryu, assim é Shitoriu. Porque era tudo uma coisa só. Era karatê só.

F.M. – Humrum.

S.T. – Depois que mudou, depois que Wadoriu pois o nome. Por que? Porque isso foi formado no Japão e até então o karatê era só, porque o o mestre Otsuka é o único mestre que não é Okinawan, é japonês da ilha maior

F.M. – Do Bonshu.

S.T. – É, que é japonês... [risos]. É, por isso que é considerado karatê moderno, né, não novo. Não é novo, é tudo karatê igual, mas modernizou o karatê, né e é único estilo que existe fundamento de luta, porque no Jiu Jistu já existia o combate. No Karatê não existia luta, era atacar e acabou. Não tinha uma continuidade, porque no karatê deu um soco teoricamente você teria que derrubar o adversário. No Jiu Jistu não, tem sequência de golpes, né. Lógico que hoje todo mundo faz um ... quer dizer tem um fundamento formado

alguma coisa, mas não é daquela época, né. É um tipo improvisado, vamos falar assim né, então...

[Koji Takamatsu fala]

[Fita é interrompida]

S.T. – Você deve entrevistar os professores, naturalmente que o karatê, como não tem né, como nós falamos né agora mesmo, não é uma coisa muito, não que não seja unido, mas não existe uma história oficial, então você escuta uma coisa aqui, se escuta uma coisa que não, né, Shotokan principalmente que abriu muito o leque, né, que o Wado o mestre direcionou pós-guerra as faculdades, que ele foi de uma família privilegiada e, é, economicamente e tudo, então ele tinha acesso às faculdades e os dirigentes do karatê no mundo, no Japão, a maioria é Wado, né. E governador de província, prefeitos de cidade, muita gente é Wado. Porque estava nas principais faculdades, né. E o Shotokan, o mestre Funacoshi fez um karatê tipo exportação.

F.M. – Humrum.

S.T. – Uma base vai bater alto, baixo ou..., a base é igual, quer dizer, facilita é, o ensino, né. Então difundiu, atravessou o mar e foi pra vários, tanto que Shotokan é uma moda, o estilo que mais se pratica no mundo, né, então cada um tem o seu mérito. Mas como cresceu muito, começou, acabou perdendo mesmo o Wado que ainda tem o herdeiro de mestre, né, mas tem as ramificações. Então cada uma dessas ramificações explicada forma naturalmente, conta a história da forma que melhor lhe convém.

F.M. – Sim. Aí você tem... isso leva a uma múltiplas histórias né.

S.T. – É, porque quando veio, tá falando, não tinha com quem conversar essas coisas, né. Porque ninguém perguntava essas coisas.

[Koji Takamatsu fala [não compreendi] e ri]

S.T. – Não é que cada um contou uma história, é que cada um viveu uma fase, né.

[Koji Takamatsu fala [não compreendi] e ri]

S.T. – É que a história vai cada vez mais se, se polindo né, vai ficando... Mais bonito. Cada história que se conta, é, quem conta um conto aumenta um ponto, não é isso [risos].

F.M. – [risos] Tá certo. Mas é é, vou falar.... já tamo encerrando já, porque também meu horário já tá correndo e o de vocês também, mas é o Taekwondo ele tá, ele ele tem um problema muito grande a medida que ele é, com relação a perda das raízes, perda da tradição, uma questão muito grande é a, nesse sentido acontece na hora que ele vai passando pra mão dos brasileiros, pros mestres brasileiros. Vocês percebem isso no Karatê Wado? Como é que vocês tentam trabalhar isso? Isso ocorre, não ocorre?

[Koji Takamatsu e Sérgio Takamatsu conversam]

S.T. – Que nem o o sensei, né, hoje com 74 anos, ele uma vez por ano visita todas as filiais, né. Não é o país todo mesmo porque se fosse o país todo não ia dar tempo de fazer em um ano toda a visita, mas São Paulo, Paraná, Rio Grande, Mato Grosso, interior de São Paulo uma vez por ano ele vai e além disso, duas vezes por ano ele faz aquele treinamento de encontro, né, que ele chama de treinamento de reciclagem. Então nesses 3, 4 dias é fundamento um atrás do outro, né, pra que os professores que ensinam, né, seja segunda, terceira, quarta geração de professores que ensinam, pra eles terem tempo de treinar, né. Porque quando se dá aula, não treina, né. Porque não tem quem não tem quem ensinar eles também.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – É pra tornar... não volta a raiz.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – A não ser o filho do herdeiro do mestre ou pessoas muito ligadas a ele, é, se vem um professor de outro, mesmo do Japão, mais novo, né, não tem muita teoria também, e não treina com tanta insistência como se treina aqui.

F.M. – Humrum.

S.T. – Ainda mais aqui, que nem você falou, você fala muito em fundamento, é porque a gente tem aula diária com ele, o mestre aqui.

F.M. – Claro

S.T. – Então mesmo essa aluna que tava aqui que foi dar aula ali, é fundamento atrás de fundamento, né, E pessoas que estão um pouquinho mais distantes que dá aula, que arte marcial você sabe é um meio rápido de se formar e poder fazer dinheiro, acaba se tornando um complemento ou o principal, o único. Então esse não tem tempo de treinar. Por que? Porque ta dando aula e mesmo querendo treinar, ele não tem quem o olhe. Então, né, se fala, enquanto eu tiver vivo, enquanto eu conseguir andar a minha aula é assim. Duas vezes por ano vocês... É tanto que instrutores, faixas pretas e candidatos a faixas pretas, na medida do possível, são obrigados a participar. E a gente né, é requisito pra poder fazer exame de graduação superior, por exemplo. Tem que participar do curso senão não sai o exame.

F.M. – É, porque o o o Taekwondo aconteceu o seguinte: muitos mestres, os mestres vieram pra cá só que depois eles não tiveram como voltar pra Coréia pra se reciclar. E lá na Coréia o Taekwondo se modernizou e aqui eles ficaram com aquele Taekwondo antigo. E aí vinha gente da Coréia mas com outra cabeça aí dava aquele choque e, além disso, eles também vieram com uma graduação vamos supor quinto Dan. Chegava aqui aí num tinha, eles não voltavam lá pra pra ascender uma nova graduação, uma graduação superior e também não tinha como passar os brasileiros de quarto Dan pra cima porque senão eles... quem que ia mandar naquilo, entendeu? Ia quebrar a hierarquia da arte marcial.

S.T. – É, nesse caso, no caso nosso do Wadoriu não tem esse problema porque nós somos ligados, ligados diretamente ao mestre...

F.M. – Humrum.

S.T. – No Japão e existe contato. Lógico que naturalmente é muito difícil brasileiro ir pra lá porque é oneroso, né, e chamar pra cá é oneroso tanto quanto mas temo contato, ele vem pra cá também né, o mestre vem e, tanto que aqui, a gente tem a filial de lá oficialmente, a gente tem o, uma licença de funcionamento. O mestre é consulto técnico de, do estilo Wadoriu então é aqui. Nono Dan, como ele é, da Wadoriu, existem quatr..., cinco no mundo. Um no Brasil e quatro no Japão. E, Brasil Luis Martins é o lugar que você está agora aqui ...

F.M. – Humrum.

S.T. – ... Sérgio que sou eu, então a gente tem esses em São Paulo...

F.M. – As filiais né

S.T. – Paraná, Rio Grande do Sul.

F.M. – Então pra fechar, a nossa entrevista, é, assim, tava vendo ali no adesivo, são aí mais de, quase cinqüenta anos que ...

S.T. – É, ano que vem vai ta completando cinqüenta anos aqui no Brasil.

F.M. – E nesse cinqüenta anos o Brasil mudou muito, a cidade de São Paulo, obviamente, mudou muito, ela ela se tornou mais rápida é é, mais perigosa em certo sentido, tanto quanto por conta da violência como por conta do próprio ritmo de vida, o cotidiano e e a pergunta que eu faço pra você e pro mestre é se nesse período todo vocês perceberam é é, a interferência dessas mudanças na cidade no próprio modo como com o karatê é passou a ser trabalhado, não por parte de vocês, mas por parte das pessoas que vieram buscá-lo.

[Koji Takamatsu e Sérgio Takamatsu conversam]

S.T. – Ele tava dizendo que lógico, naturalmente cinqüenta anos como você disse é bastante tempo, é meio século. Muita coisa muda, cresce o município, né. E lógico que a, o espírito, né, do do público vai mudando né porque o estresse é visível a gente sai do servi, de casa de manhã não sabe se volta com saúde, com vida empregado, desempregado a gente não sabe, mas a filosofia de trabalho do mestre é que sem pensar muito grande, pelo menos as pessoas que estão em nossa volta conseguir dentro do horário de aula, dentro do ambiente da academia, né, criar um outro espírito, né, mais de harmonia, né, com um pouco de paz, harmonia, de equilíbrio, né, e próximo a pessoas ligadas a nós, né, alunos nosso, criar um laço, um elo de amizade saudável, né. Tanto pra isso, nós temos convênios com escolas, eu dou aula em uma escola aqui na Lapa a 9 anos, em prefeituras que a gente tem acesso, principalmente voltando pro público infantil, né, tirar da rua, dar através da modalidade do karatê, né, é, condições de fazer uma viagem, conhecer outros outras pessoas de outras regiões, né, ... temos dois eventos nacionais, vem gaúcho que fala diferente, vem paranaense que fala diferente, vem o mestre que mais fala japonês do que português, né, e dar condição de, de viver outras, outras realidades. E a filosofia do mestre também, que é isso aqui: “Key” “Ai” “Dei”. “Key” respeito, “Ai” é amor, dei é disciplina de bom dia, boa tarde. Porque as crianças vem, né, você mesmo viu, com licença, bom dia, boa tarde, boa noite, obrigado, por favor, que são coisas cotidianas que nós aprendemos quando criança, mas hoje as crianças de hoje, é por causa dos pais que tem que sair pra trabalhar de manhã, larga na escola o dia inteiro, de noite quando volta janta assiste televisão olha, vai dormir porque amanhã você tem que acordar, num dá tempo de falar obrigado, no máximo é como foi seu dia? A fez a lição direitinho? Tudo bem então vamos dormir? Você escovou o dente? Fez xixi? Eu mesmo tenho uma filha de quatro anos e eu levo, tenho o privilégio de poder levar e buscar na escola, mas a minha esposa não tem porque ela trabalha o dia inteiro, as vezes que ela sai, põe no carro dormindo, ela volta ela já tá dormindo na cama, né. Então essas crianças, junta sapatinho um do lado do outro: ah mas por que professor? Porque na hora de você sair você já tá um do lado do outro. Você não precisa buscar o outro lá do outro lado. E também, você não atrapalha os outros.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Não que ele tenha lembrado, né. Que consiga lembrar de um fato assim, já aconteceu algumas coisas assim mas é coisas normais assim né, de você tá em uma repartição pública ou numa fila e falou: O japonês aqui aqui.

F.M. – É mas isso não chega a ser...

S.T. – [risos] mas nada que, assim conversando, né, sempre...

F.M. – Nada no sentido de olhá olhá diferente, olhar torto. Porque, é que também o mestre chegou em 1956, né, e uma coisa que, um período que foi um pouco complicado pros imigrantes japoneses foi a segunda guerra, né, quando tava do lado do do do Hitler<sup>2</sup>, né, então aqui no Brasil também criou um certo...

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – A economia tava boa em 1956.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – 1956 ele conta que foi uma época boa.

F.M. – As pessoas que chegam nessa época dizem também que andar pela Liberdade era era como se tivesse andando no Japão. Tinha pouca diferença. Assim, a pessoa se sentia, japonês se sentia muito bem lá.

S.T. – Hoje a Liberdade tem mais Chinês e Coreano. [risos]

F.M. – É. Hoje hoje é chinês e coreano. Então, mas naquela época 1960, fim de 1950, 1960 só tinha japonês.

K.T. – Coreano... depois que fecho aqui no Brasil. E tudo foi pro Paraguai eles.



S.T. – Tudo foi pro Paraguai. Porque fechou a imigração aqui.

F.M. – É. Sim sim sim.

[Koji Takamatsu e Sérgio conversam]

K.T. – Aqui no Brasil ninguém, no no...

S.T. – Pouca gente sabia dessas coisas, era informações de guerra assim. Preconceito porque juntou com Alemanha, essas coisas, era só estudioso mesmo. Porque população em si não tinha muita muita, porque ou era amigo ou não era amigo, né. Não tinha a ver porque juntou e coisa. Porque a Guerra mesmo não veio, não chegou até o Brasil, né.

F.M. – É. Isso. Não sei se seu pai pode falar, um pouco da rivalidade que existia principalmente pras pessoas na idade do seu pai, entre coreano e japonês se se teve algum tipo de, se aqui no Brasil ele experimentou alguma coisa nesse sentido.

[Koji Takamatsu e Sérgio conversam]

S.T. – Ele, ele né, nunca teve problema, assim com coreano, né assim. ãh e coisas que aconteciam de briga de gangue, essas coisas que a gente tem notícia que aconteciam, não era coisa de jovens, né, jovens. Hoje, e era coisa bem menor do que briga de torcida de futebol. Então era uma coisa, uma briguinha ali uma briguinha ali, mas nada que acontecia porque era, começou a acontecer, né, houve uma época que aconteceu, mas era pessoas bem mais novas do que ele, então ele num tem... tanto que, né, mesmo na academia que ele fazia tinha coreano, tinha chinês, tinha ...

[Koji Takamatsu fala]

F.M. – São eles que não gostam né?

S.T. – É, por causa da da da...

---

<sup>2</sup> Adolf Hitler.

[Koji Takamatsu fala]

F.M. – Não dá pra sobreviver. É.

K.T. – Não tem escola, não tem, muito pobre sabe ...

S.T. – A Coréia sob domínio do Japão, naturalmente como é invasão, existem saques, existem várias coisas que são naturais de uma invasão, mas implantou-se muito escolas e deixou muito livros por isso que se você entrevistar algum coreano e tudo, coreanos da época, que hoje tem 70, 60, 50 anos, eles sabem ler e escrever japonês. Não porque queriam, porque só existiam livros em japonês, que foi deixado lá.

F.M. – E depois na hora da imigração foi importante porque ajudou eles.

S.T. – Ajudou. Porque se não tá ...

[Koji Takamatsu fala]

F.M. – Humrum.

S.T. – Então, assim, o problema é mais por parte dos coreanos por causa da invasão do que do...

F.M. – Do Japonês, do contrário.

S.T. – É. Tanto que até fez a copa junto.

F.M. – É

[Risos]

S.T. – Se tivesse alguma coisa não fazia. E o Japão investiu muito dinheiro na Coreia, construiu estádios, essas coisas.

[Koji Takamatsu fala]

F.M. – 1963

S.T. – Depois da guerra da Coreia

F.M. – Depois da guerra da Coreia

K.T. – ... eles vieram pouquinho só

F.M. – É, é

K.T. – Porque eles são ricos

F.M. – Humrum. Ah, e vieram também alguns coreanos que foram naturalizados japoneses.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – E não deixavam mais sair? E não deixavam sair aqueles com poder aquisitivo menor? Não conseguiam liberação pra sair porque precisava de contingente pra eventual guerra. Agora, só veio quem tem dinheiro, porque que tinha dinheiro, pagava e vinha pra cá.

F.M. – Então, uma coisa, pra pra terminar mesmo, é é, é muito diferente assim a estratégia dos japoneses, não sei porque razão, se isso é uma característica do povo japonês e dos coreanos, porque os coreanos aqui no Brasil se fecharam dentro da própria colônia né. Você percebe que ainda hoje eles são muito fechados. Os japoneses eles são mais difundidos. Você acredita que isso foi mais por conta do tempo que passou a imigração de de mais de 100 anos aí, vai fazer 100 anos né, foi em 1908 ...

S.T. – Vai fazer 100 anos.

F.M. – ... do início da imigração japonesa ou é uma questão mesmo, uma característica do povo?

[Sérgio Takamatsu traduz]

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – O problema é político-social. O Japonês quando vieram pra cá, eles vieram com documento limpo. Tudo legalmente e o coreano com problema de imigração, entrou clandestinamente.

[Falas sobrepostas]

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Né, então acabou tendo problema de documentação. E também o povo coreano pela ditadura que sofreu, né, ele lá, né, ele lá o coreano tinha muito assim, se tem um quilo de arroz a mais em casa, confisca. Que não é dele, não pertence a ele. Então, não que seja ruim isso, mas é uma característica social deles. Então se fecham e o que é meu é meu. Eu tinha muitos amigos coreanos, eu estudei no Makienze, que assim, moravam numa casa que tinha muita coisa, mas de repente no dia seguinte aparecia com uma Mercedes na porta. Se você tinha dinheiro você não tem que sabe. E eu achava esquisito isso, não é, mas são eles, a cultura deles, então, então num, é a formação. E japonês não, japonês é mais aberto, porque não teve esse tipo de repressão dentro do seu próprio país.

F.M. – Da origem. Isso não tem tanto a ver com o tempo de imigração, tem a ver mesmo com a própria história de cada país.

S.T. – É, é a cultura de cada país específica

[Sérgio Takamatsu e Koji Takamatsu conversam]

S.T. – Então não é por, ele é, ele não acha que seja por razão de estar mais tempo no país ou menos.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Virou 180 graus, o país depois da guerra. Por conta da Guerra.

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – Na Coréia tem muito de hierarquia, né [os três falam ao mesmo tempo]. A família, a família mais poderosa, o pai, o avô é mais um, então idade, quem é mais...

F.M. – O critério da hierarquia deles é a idade. Não importa se eles estudou, fez faculdade...

[Koji Takamatsu fala]

S.T. – No Japão também.

F.M. – No Japão antigo era assim

K.T. – Antigo. ... Okinawa...

F.M. – Porque ele era mais velho?

S.T. – Não, pelo próprio nome. Pelo nome, é pela pela condição social da família, né. Tem a família mais poderosa que a outra.

F.M. – Ah, lá o sistema é mais por família do que por idade?

S.T. – Não. Dentro da família, né, existe, tem as famílias e dentro da família tem os mais velhos

F.M. – Ah, sim.

S.T. – Então tem a família que é mais poderosa que a outra, então existe o respeito natural.

F.M. – É porque eu ia eu ai chegar nessa questão pelo seguinte, porque estudando colônia coreana, eu percebi que um grande problema pros coreanos que vieram pra cá, foi na medida em que os filhos começaram a ser educados no Brasil e tiveram contato com uma cultura diferente e que não respeita essa hierarquia de idade, eles começaram a entrar em choque com a própria família. E vocês dois eu percebo que tem uma sintonia diferente. Não existe muito isso. Eu queria saber como é que foi essa questão na relação de vocês dois pelo fato do do Sérgio ter sido criado todo no Brasil, uma educação bem mais brasileira do que japonesa.

[Koji Takamatsu e Sérgio Takamatsu conversam]

S.T. – Mesmo a família japonesa tem esse. Existe esse tipo, né, existe famílias que num num não aceita que um filho ou uma filha case com não japonês por exemplo.

[Koji Takamatsu fala]

F.M. – É também existe um pouco.

K.T. – ... de outra família

S.T. – É, o que ele quis dizer é assim existe muito conflito dentro das casas, dos lares ...

F.M. – Que é comum.

S.T. – Que é comum.

F.M. – Entre pais e filhos.

S.T. – É. Então muita gente vem pedir conselho, né, mestre olha o meu filho em casa não obedece ninguém, só obedece o senhor mestre. Então o senhor conversa com ele, por favor, porque ta indo mau na escola, vai repetir de ano, num come, sei lá, num obedece, tem esse tipo de coisa, conversa tudo. Porque o respeito, né, que o mestre diz é assim, respeito é você dar o exemplo. É você mesmo faz. Tipo, tem um papel no chão. Ô menino pega. Não fui eu que joguei! Então eu vou lá. Mas mestre não foi o senhor que jogou! Ficou melhor pra todos nós aqui.

F.M. – Humrum.

S.T. – Nesse sentido. E de famílias assim que nós assim, não tem... Eu sou brasileiro, eu sou casado com uma brasileira, não descendentes. Mas acho que aí é formação de cada um também, repressão que houve lá ou não. Porque o respeito, né, assim, basta olhar que a gente, né, o pai não quer. Por isso que a gente tem muito problema aqui com aluno, né, que eu acabo resolvendo muito as coisas, né, e não é porque aqui é meu pai, eu sou o filho eu vou herdar. Não. Porque aqui todo mundo tem graduação e cada um respeita essa sua hierarquia, né. E eu falo: olha se acha que o mestre vai gostar que você faça isso? Ah, não não, né. Falo: vai lá falá com ele, isso você vai lá e fala, né. Mas você pode resolver pra mim. Eu posso, mas eu não vou. Por que? Porque eu sou um quinto Dan e você é um terceiro, por exemplo, você é um primeiro, você é um quarto, né, então você tem o seu peso aqui dentro, né. Então esse tipo de, o mestre, eu vejo, eu tenho 30 anos de karatê, ele é muito aberto. Ele é muito aberto. Tanto aqui dentro e lá fora, porque meu pai mandou falar. Não. Mestre ta dizendo pra todos nós que é assim. Porque eu não herdo nada dele na hierarquia do estilo. Ele no Dan é grau mais alto que um mortal pode chegar porque décimo é só o criador e herdeiro do criador...

F.M. – Humrum.

S.T. – Né, se um dia ele vier a faltar, eu não vou herdar o nono dele, eu vou continuar com meu quinto, não sei se vou chegar a ser sexto, sétimo, oitavo, eu não sei. Então aqui dentro

é uma relação diferente. Em casa é outra coisa, né, em casa é meu pai, mãe, não sei o que. Mas aqui, né, mestre sensei e acabou.

F.M. – Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]